

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DULCINÉIA AMARO TONI MORAES

**A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO PARA O
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

AMERICANA

2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DULCINÉIA AMARO TONI MORAES

**A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO PARA O
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia - Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual da Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

AMERICANA

2006

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Moraes, Dulcinéia Amaro Toni
M791i Memorial de formação / Dulcinéia Amaro Toni Moraes. -- Campinas, SP :
[s.n.], 2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de
vida. 4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual
de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-584-BFE

Ao meu esposo Marcos que sempre me apoiou e incentivou incondicionalmente.

Aos meus filhos Abner e Artur pelo amor e compreensão.

A todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo Dom supremo da vida e por se fazer presente em todos os momentos da minha vida,

Ao meu esposo, pelo incentivo, compreensão e por tantas noites de espera,

Aos meus filhos, pela compreensão em meus muitos momentos de ausência,

Aos meus pais, pelas orações e preocupações, pelo incentivo para a conquista de um futuro melhor e por acompanharem o trajeto de minha formação,

Aos meus irmãos, que torceram muito por mim,

Aos meus alunos, com os quais aprendo, a cada dia, que a luta ainda vale a pena,

Aos Assistentes Pedagógicos pela paciência e competência durante as aulas,

Aos Professores Doutores da UNICAMP que lutaram pela implantação de um curso tão especial e único, que é o PROESF.

“Agrada-te do Senhor e Ele satisfará os desejos do teu coração”

(Salmos 37: 4)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. BREVE HISTÓRICO.....	9
2. DOCES RECORDAÇÕES DA INFÂNCIA.....	10
3. FORMAÇÃO PRIMÁRIA.....	15
4. O GINÁSIO.....	18
5. O MAGISTÉRIO.....	20
6. ATUAÇÃO PROFISSIONAL.....	22
7. FORMAÇÃO SUPERIOR.....	28
8. CONTRIBUIÇÕES DO PROESF PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	30
9. IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.....	39
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
ANEXOS.....	49

INTRODUÇÃO

“(...) Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas”.

Clarice Lispector, 1998, p.19

Escrever um memorial de formação não é tarefa fácil como se pensa a princípio. Achei que seria fácil, pois contaria a história da minha vida, minha vivência, minha formação, minha prática, coisas que realmente aconteceram comigo. E comecei a imaginar tudo o que poderia escrever.

Quanta ilusão! O imaginar é fácil, as idéias fluem na cabeça, mas organizar essas idéias e passar para o papel é outra coisa.

Eu concordo plenamente com Clarice Lispector! Escrever é difícil! Por onde começar? Qual caminho seguir? Foram tantas coisas que aprendemos, temos tantos assuntos a discorrer, mas qual escolher? Pensei em tantos temas: formação do professor, afetividade, o brincar, a indisciplina... Pensei, repensei, mudei de idéia e decidi.

Pronto! Decidido o caminho agora é só percorrer a trajetória. Fui amadurecendo a idéia, selecionando os textos estudados para embasar meu trabalho.

Não é tarefa fácil, mas ao mesmo tempo é fascinante! Recordar coisas do passado, lembranças que nos trazem dor e mágoa, fatos que julgava ter esquecido, mas que estão lá, guardados profundamente; e outros que trazem tantas alegrias, tantas saudades: as vivências, as brincadeiras de infância, uma vontade de voltar no tempo e viver tudo outra vez.

Entre as lembranças e recordações dou início a esse trabalho fazendo um breve histórico da minha vida e a importância da minha família na minha formação.

A seguir relato a minha infância, as alegrias do tempo de criança, o contato com outras crianças e como foi minha formação desde o primário até o magistério.

Depois falo da minha experiência em sala de aula, das dúvidas e indagações, principalmente em relação à pré-escola que é minha área de atuação. A falta de conhecimento muitas vezes me levava a questionar sobre o papel da pré-escola: seria ela um espaço voltado para brincadeiras ou um período preparatório para o ensino fundamental?

A resposta a esses questionamentos encontrei durante minha formação superior

no PROESF, por esse motivo falo da importância de uma formação superior e das mudanças que o PROESF proporcionou, tanto em relação à minha prática, no que se refere à uma mudança de visão e postura, quanto em relação ao desenvolvimento de um novo olhar sobre meus alunos.

Deixo registrada a importância do lúdico para o desenvolvimento da criança, utilizando como embasamento teórico obras de diversos autores conceituados como Piaget, Vygotsky, Wajskop, entre outros.

Encerro com as considerações finais, procurando com minhas reflexões, demonstrar que o objetivo de uma caminhada não é o ponto de chegada, mas cada passo do caminho percorrido.

1. BREVE HISTÓRICO

“É da família a responsabilidade de formar o caráter, de educar para os desafios, de perpetuar valores éticos e morais”.

Gabriel Chalita, 2001, p.20

Nasci em São Paulo e passei toda minha infância e parte da minha adolescência na cidade de Guarulhos, onde morei até os 13 anos. Sou evangélica e tenho uma família maravilhosa que muito contribuiu para o meu desenvolvimento e formação.

Meu pai é um exemplo de honestidade, fidelidade e dignidade. Um homem muito sábio, apesar de poucos estudos, soube educar muito bem seus sete filhos. Um pai muito amoroso, mesmo ausente devido ao trabalho, sempre nos tratou com muito carinho e atenção.

Minha mãe, outro exemplo, uma pessoa maravilhosa, uma mulher guerreira, sábia, virtuosa, que educou muito bem seus filhos e sempre ajudou no sustento da família fazendo trabalhos manuais: crochê, tricô, pintura em guardanapos, o que também ensinou a todos seus filhos. Uma mulher de poucos estudos, mas sempre ajudou os filhos nas tarefas de casa, nos incentivando muito.

E meus seis queridos irmãos, que por meio do carinho, afeto e companheirismo, contribuíram para minha formação. Sou grata aos meus pais que fizeram muitos sacrifícios para nos manter e garantir estudo para todos.

Hoje sou casada, tenho um esposo maravilhoso, sempre pronto a ouvir minhas lamúrias e descontentamentos, que às vezes a profissão nos traz. E dois filhos lindos, que são minha maior riqueza: o Abner e o Artur.

Sou muito grata a Deus por minha família, pois contribuíram para formação do meu caráter, me incentivaram e me deram forças para enfrentar os desafios, tanto em relação aos estudos, quanto profissionalmente.

2. DOCES RECORDAÇÕES DA INFÂNCIA

“A infância não é uma coisa que morre em nós e seca assim que cumpre seu ciclo. Não é uma lembrança. É o mais vivo dos tesouros e continua a nos enriquecer sem que o saibamos”.

Hellens, 1978 (apud Snyders, 1993, p.60)

Fui uma criança privilegiada, pois tive uma infância maravilhosa.

A rua onde eu morava era sem saída, e minha mãe me deixava brincar na rua praticamente o dia inteiro.

Na rua, moravam muitas crianças e todos os dias reuníamos para brincar. Corríamos, jogávamos, e brincávamos das mais variadas brincadeiras: roda, casinha, pega-pega, esconde-esconde, corda, amarelinha, cinco-marias, pular-elástico, mamãe-polenta, mãe-da-rua, balança-caixão, de soltar pipa, rodar pião, adoleta, pula-carniça, corre-lenço, cabra-cega, carrinho de rolimã e mais uma infinidade de brincadeiras. Fui uma verdadeira moleca.

Meus olhos se enchem de lágrimas ao recordar esses momentos inesquecíveis, momentos de alegrias que, infelizmente, não voltam mais. Quantas saudades do tempo e dos amigos de infância.

Éramos crianças livres, não ficávamos presas dentro de casa frente a um aparelho de TV, nosso divertimento eram as brincadeiras na rua. Era na rua que brincávamos e aprendíamos, uma aprendizagem não sistematizada, como aquela imposta nas escolas.

Relembrando esses momentos, posso dizer que minha infância foi bem diferente da infância da Idade Média relatada por Philippe Ariès (1981). Nesta época, a criança era considerada um adulto em miniatura, que executava as mesmas atividades dos mais velhos. De acordo com esse autor, assim que a criança se tornava mais autônoma em relação aos cuidados da mãe ou da ama, era inserida na sociedade dos adultos, participando dos seus trabalhos e jogos; de criancinha pequena, se transformava em homem, sem passar pelas etapas da infância e juventude.

Segundo Ariès,

“A transmissão dos valores, dos conhecimentos e a socialização não eram asseguradas e nem controlados pelas famílias. A criança se afastava logo de seus pais e durante séculos a educação foi garantida pela aprendizagem, graças à convivência da criança ou do jovem com os adultos. A criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-las”. (ARIÈS, 1981, p.10).

As crianças eram colocadas em outra família, muitas vezes desconhecidas, para aprenderem os trabalhos domésticos e valores humanos, através da aquisição de conhecimento e experiências práticas, sendo privadas de vivenciarem a infância. Essa ida para outra casa fazia com que a criança saísse do controle da família, não possibilitando a criação do sentimento entre pais e filhos. Não existia o sentimento de amor materno, a família era social e não sentimental.

O autor destaca ainda, que foram séculos de altos índices de mortalidade e de práticas de infanticídio. As crianças eram jogadas fora e substituídas por outras sem sentimentos, na intenção de conseguir um espécime melhor, mais saudável, mais forte, que correspondesse às expectativas dos pais e da sociedade.

A mudança cultural, influenciada pelas transformações sociais, políticas e econômicas que a sociedade vinha sofrendo, aponta para mudanças no interior da família e das relações estabelecidas entre pais e filhos. A criança passa a ser educada pela própria família, o que fez com que se despertasse um novo sentimento por ela. Ariès (1981) caracteriza esse momento como surgimento do sentimento de infância que será constituído por dois momentos: o primeiro caracterizado pela “paparicação” e o segundo pela “moralização”.

A paparicação seria um sentimento despertado pela beleza, ingenuidade e graciosidade da criança. Surgiu no meio familiar, na companhia das criancinhas pequenas, e isto fez com que os adultos se aproximassem cada vez mais dos filhos, assim, os gracejos das crianças eram mostrados a outros adultos, fazendo da criança uma espécie de distração. O segundo sentimento surgiu de uma fonte exterior à família, considerava a criança imperfeita e incompleta e era traduzido pela necessidade do adulto “moralizar” a criança. Essas duas atitudes começam a modificar a base familiar existente na Idade Média, dando espaço para o surgimento da família burguesa e as primeiras propostas de educação e moralização infantil.

Também não posso comparar minha infância com a atual. Nessa nova era, a infância é saturada por aparelhos eletrônicos que propagam e promovem mais e mais o desejo de consumo. As crianças de hoje são difíceis de agradar, elas nunca estão

contentes e satisfeitas com aquilo que têm e sempre querem mais, pois são mediadas pelo consumismo.

É oportuna a colocação da bela e triste observação de Dallari

“A civilização do consumo e da competição econômica desvirtuou totalmente a noção de criança feliz. Em lugar dela colocou, na realidade, a criança acomodada, que deve buscar distração olhando passivamente as imagens da televisão ou usando, como um autômato, os brinquedos caros postos à sua disposição. O que se quer, realmente, é que a criança não incomode, mesmo que sua alegria seja apenas aparente, o consumo convencional e padronizado da alegria, que mata na criança a capacidade de ser espontânea e de ter a felicidade autêntica, que brota de seu espírito”. (DALLARI, 1986, apud MARCELLINO, 1990, p. 67).

Hoje me entristeço muito ao ver a infância dos meus filhos, pois ficam trancados dentro de casa, devido o aumento da violência urbana que estamos vivendo atualmente. Como gostaria que tivessem ao menos uma parcela do que foi a minha.

As crianças de hoje não conhecem o prazer de construir seu próprio brinquedo. Como eu me sentia feliz em montar um carrinho de rolimã, uma pipa ou mesmo amarrar duas latas em um barbante e sair andando com pé de lata!

Meus brinquedos de infância eram feitos por mim e por meus irmãos. Só ganhávamos presente na época de Natal ou Dia das Crianças, isso porque a firma em que meu pai trabalhava dava brinquedos para os filhos dos funcionários. Meus pais, com sete filhos para criar, nunca tiveram condições de comprar brinquedos para nós.

Mas éramos crianças felizes! Lembro a alegria que sentia ao ver minha pipa subir no alto, e saber que eu a tinha feito, o prazer que me dava em “cortar” as outras pipas, a canseira de sair correndo atrás da pipa cortada. Foram tempos de muitas alegrias, e que trazem uma saudade imensa agora, ao recordá-los.

Um fato que me entristecia na época era ver meus amigos pararem as brincadeiras para irem à escola. Tomavam banho, colocavam o uniforme azul e branco e iam para a escola. A rua ficava em silêncio. Minha mãe sempre dizia que, quando eu tivesse a idade certa, poderia ir também.

Não havia pré-escola nas proximidades e mesmo que houvesse, pré-escola era luxo naquela época, pois destinava-se às crianças ricas, e meus pais não tinham condições financeiras de bancarem um luxo.

Segundo Abramowicz,

“A fabricação histórica e social das práticas educativo-pedagógicas e assistenciais das instituições de educação infantil, sempre esteve muito próxima daquilo que cada momento histórico construiu, reservou e atribuiu

para o que é ser criança e ter uma infância. As forças que forjaram um tipo de instituição destinada às crianças pequenas mantiveram uma relação direta com a classe social à qual se destinava tal educação. Dessa forma, no Brasil, as pré-escolas designam escolas de crianças pequenas e de uma classe social com mais possibilidades enquanto que as creches são destinadas às crianças pobres e às classes populares”. (ABRAMOWICZ, 2003, p. 14)

Ao analisarmos a trajetória da Educação das crianças de 0 a 6 anos, a Educação Infantil no Brasil, verificamos que esta tem mais de cem anos de história. Desde o século XVIII, as famílias já recorriam à formas alternativas para a educação de seus filhos, porém, foi só nas últimas décadas que a Educação Infantil passou a ser reconhecida, conforme a Constituição de 1988. Mesmo esquecida pela lei, as instituições infantis foram se evoluindo no Brasil.

Segundo Kuhlmann “A história das instituições pré-escolares não é uma sucessão de fatos que se somam, mas a interação de tempos, influências e temas, em que o período de elaboração da proposta educacional assistencialista se integra aos outros tempos da história”. (KUHLMANN, 1991, p.18)

Foram muitos nomes atribuídos às escolas destinadas às crianças pequenas: sala de asilos, jardim de infância, escolas maternais, parques infantis, creches e pré-escola.¹

De acordo com Kuhlmann, (2000) as salas de asilo surgem na segunda metade do século XIX, na França. Era um lugar de abrigo e proteção, para atender órfãos, crianças abandonadas, indigentes, inválidos ou carentes de recursos. Eram propostas de caráter caritativo, visando diminuir a mortalidade e o abandono freqüente em todas as classes sociais. No Brasil são os Orfanatos.

Com a industrialização e urbanização, que se manifestam no início da República, surgem os jardins de infância. Foram criados por Froebel e surgem no Brasil no final do século XIX. Em 1875, foi fundado no Brasil, o 1º jardim de infância, pelo médico Menezes Vieira, para atender a elite. As construções eram suntuosas, ostentando o poder da burguesia. Eram considerados como lugar propício ao desenvolvimento e cultivo de bons hábitos, cumpriam o papel de moralização da cultura infantil e de educar para o controle da vida social. Visava o desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos e tinha como recurso o jogo. Os jardins de infância municipais ocorreram apenas a partir de 1909.

As escolas maternais têm origem no século XX, por iniciativa de damas da sociedade, por religiosos e industriais e são destinados aos filhos de operários e órfãos,

¹ Esses dados foram discutidos na disciplina Educação da criança de 0 a 6 anos, na aula do dia 23/05/2005 em que foi trabalhado o texto de Kuhlmann Júnior “Educando a Infância Brasileira”.

ou seja, atendia a classe de baixa renda. Em São Paulo, desde 1920, a legislação previa a instalação de escolas maternas, que estavam sempre localizadas junto a fábricas. A finalidade dessas escolas era prestar cuidados aos filhos de operários e as “professoras” não tinham formação.

Os parques infantis surgem no Estado de São Paulo com Mário de Andrade, em 1935 e sua expansão acontece a partir de 1940. Atendia em um mesmo espaço crianças de 3 a 6 anos, e as de 7 a 12 anos no período contrário de seu horário escolar. Tinha como proposta a valorização da cultura brasileira, com elementos do folclore, da produção cultural e artística das brincadeiras e dos jogos. Desta forma cultura e educação estavam ligadas.

Segundo Kuhlmann, (2000) uma das primeiras referências às creches do país está registrada em um jornal chamado *A Mãe de Família*, lançado em janeiro de 1879, no Rio de Janeiro. O artigo apresentava a creche como destinada a cuidar de crianças de dois anos para baixo, cujas mães fossem pobres e necessitavam trabalhar. Ela surge vinculada a fábrica de tecidos Corcovado, como necessidade de atender à mãe trabalhadora. Em 1932, com a regulamentação do trabalho da mulher, torna-se obrigatória creche em estabelecimentos em que tenham mais de trinta mulheres trabalhando. Em 1988, com a Constituição, creches e pré-escolas passam a compor os sistemas educacionais e ganha estatuto legal com a LDB 9394/96.

A educação pré-escolar era pautada na pedagogia da submissão e foram criadas para atender a classe pobre. Por passarem por um período de expansão, os órgãos de assistência social e educação entram em conflito, com o objetivo de decidir se a pré-escola seria assistencialista ou educacional. A função da pré-escola era (e ainda o é em algumas unidades) um período preparatório para as séries iniciais, pois focava a alfabetização. Com isso privava a criança da verdadeira função da pré-escola, isto é, acabou-se com o prazer e os benefícios da atividade lúdica. O processo de atendimento na Educação Infantil deve um processo contínuo, envolvendo cuidados e educação de forma indissociável.

Apesar de a pré-escola ser vista como período preparatório por muito tempo, não se levava em conta esse preparo, pois ao entrar na primeira série, todas as crianças (mesmo as que fizeram pré-escola), realizavam inicialmente, exercícios de prontidão, o qual visava o desenvolvimento da coordenação motora. Foram esses exercícios que aprendi quando iniciei a primeira série.

3. FORMAÇÃO PRIMÁRIA

“A escola nunca deve esquecer que lida com indivíduos ainda imaturos, aos quais não pode ser negado o direito de se demorar em certos estágios, mesmo que desagradáveis, do desenvolvimento”.

Freud, 1910 (apud Snyders, 1993, p.123)

Foi com muita alegria que recebi a notícia de que finalmente poderia ir para a escola.

Minha mãe batalhou muito para conseguir uma vaga para a 1ª série, pois nasci no mês de Julho e não eram oferecidas vagas para as crianças dessa idade. Mas tanto que minha mãe persistiu, que conseguiu.

Mala na mão, caderno, lápis e borracha e lá estava eu, de mãos dadas com minha mãe, rumo à escola. Mamãe recomendando que prestasse atenção no caminho, pois me levaria só na primeira semana, nos outros dias eu deveria ir sozinha. Quando cheguei lá, havia muitas crianças, uns choravam, outros gritavam e eu assustada segurando em minha mãe. Não me lembro se chorei, devo ter chorado, era muito tímida, não sabia nada, nem escrever meu nome.

Primeira série!

A professora chamava-se Marília. Muito rígida e tradicional não permitia que se conversasse na classe. Um fato que me marcou muito é que, por ser muito tímida, tinha vergonha de perguntar as coisas para a professora e me virei para perguntar para meu colega. A professora se aproximou de mim e me deu um chacoalhão na cabeça, dizendo que a escola não era lugar de conversas.

Hoje sei que a educação era voltada para formar cidadãos pacatos e obedientes. A escola era transmissiva, o professor tinha a responsabilidade de transmitir os conteúdos e o aluno a responsabilidade de os receber, depois esses eram cobrados através de provas e chamadas orais.

Segundo Leite (2001), a alfabetização se dava numa relação vertical, vinda de cima para baixo, em que o professor era o dono do saber e o aluno aquele que nada sabe. É a famosa “educação bancária” definida por Paulo Freire (1977), em que se praticava o ensino mecânico, as crianças deixam de ser crianças para serem depósitos,

em quem os professores despejavam os conhecimentos.

Segundo Freire “... o ‘saber’ é uma doação dos que julgam sábios aos que julgam nada saber” e ainda “... o educador será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem”. (FREIRE, 1987, p.58) Pobre aluno. Não pensa, não reflete e nem argumenta, a ele cabia assumir o papel de espectador, de ouvinte, executor passivo de tarefas. Não tinha o direito de se expressar, de opinar, de se manifestar em sala de aula a não ser quando solicitado pelo professor.

Hoje sinto na pele as conseqüências dessa educação, o quão difícil é para eu falar em público.

Fui alfabetizada com a cartilha Caminho Suave. No início tive dificuldades e minha mãe me ajudou. Enquanto lavava a roupa pedia que ficasse lendo até decorar. Ela gostava de ver os “Parabéns” na cartilha. Enquanto não decorasse, não podia ir brincar.

O que eu mais temia eram as leituras na mesa da professora, se ela mudasse a seqüência da leitura não saía nada, pois eu não sabia ler, apenas decorava ou tentava decodificar as letras.

Segundo Leite,

“... a escrita era entendida como um simples reflexo da linguagem oral, ou seja, a escrita era concebida como uma mera representação da fala; nessa perspectiva, ler e escrever são entendidos como atividades de codificação e decodificação, sendo o processo de alfabetização reduzido ao ensino do código escrito, centrado na mecânica da leitura e da escrita”. (LEITE, 2001, p. 23)

Hoje sei que esse não era o melhor método, mas era o mais usado na época, tanto que todos os meus irmãos foram alfabetizados com essa mesma cartilha. Um método que contribuiu muito para o crescimento dos analfabetos funcionais do país, pois era totalmente fora da nossa realidade. A alfabetização era fragmentada, voltada para simples decodificação de letras, baseada na memorização, enfatizando o código em vez do significado. O aluno não construía o conhecimento, ele já vinha pronto.

Klein afirma ser necessário que as atividades relacionadas à alfabetização levem as crianças a conhecer e usar a escrita com as funções sociais que a compõe, ou seja, primeiro se faz necessário que a criança compreenda porque e quando se usa a língua escrita, o que não ocorreu comigo. (KLEIN, 1996, apud AMARAL, 2001, p. 87)

Não recordo o momento em que aprendi a ler, mas saí da primeira série “alfabetizada”, uma alfabetização sem função social, não sabia utilizar a leitura e a escrita socialmente, só sabia ler a cartilha, ou seja, era uma verdadeira analfabeta funcional que é segundo Leite:

“... aquele indivíduo que passa pela escola durante alguns anos, tem contato com o código escrito, mas, depois que sai, não se utiliza da leitura e da escrita como instrumento de inserção social e desenvolvimento da cidadania.” (LEITE, 2001, p. 24).

Não guardo boas lembranças das minhas professoras do primário, pois eram todas muito rígidas e autoritárias, sem nenhum laço afetivo em relação aos alunos. Não lembro de nenhum momento de carinho ou afeto demonstrado por elas, sempre frias e distantes. Ao relatar sobre isso me reporto a uma aula com a A.P. Zenaide quando disse que o que fica guardado em nossas lembranças do tempo de escola são os sentimentos, as relações, a afetividade que se vive dentro da escola e não somente os conteúdos estudados.²

Apesar de tudo isso eu gostava de estudar, de ir à escola e minha brincadeira preferida passou a ser “escolinha”. Chamava minhas primas e amigas, pegava o material usado de meus irmãos mais velhos e organizava a classe no quintal de casa e desde essa idade já praticava minha profissão, eu sempre queria ser a professora. E esse sonho eu carregava comigo desde essa época de minha vida.

Assim foi minha formação primária, baseada na memorização, sem nenhuma relação com a realidade vivida e sem nenhuma afetividade por parte dos professores.

² Aula proferida no dia 26/08/2005 na disciplina Temas Transversais em que se discutiu o texto “Os caminhos da Transversalidade” de Ulisses F. Araújo. Também foi lido e discutido o poema “Perguntas de crianças” de Rubem Alves.

4. O GINÁSIO

“O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal amado sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca”.

Paulo Freire, 1996, p. 66

Quando fui para o ginásio enfrentei muitas dificuldades. Aumentou a quantidade de matérias e o número de professores. Na escola em que estudava, cada professor tinha a sua classe, quem se locomovia, de uma sala para a outra, eram os alunos. Na hora que dava o sinal era aquela bagunça, tinha que juntar rapidamente o material e rumar para outra classe.

Eu ainda não havia superado minha timidez, tinha dificuldade de acompanhar as matérias, principalmente de ciências e geografia. Não me esqueço até hoje de uma aula em que a professora de Geografia pendurou o Mapa Mundi na lousa, me chamou até a frente e pediu que lhe mostrasse onde ficava o estreito de Bering. E eu fiquei ali parada, olhando aquele mapa enorme a procura do tal estreito que eu nem sabia o que era. A professora, irritada com minha demora, batia a régua na lousa e gritava. E eu lá, tentando achar o tal estreito, em meio às lágrimas, devido à vergonha e humilhação.

Pensei que havia esquecido esse episódio, mas ao escrever este memorial as recordações voltaram, nítidas, como se houvesse acontecido há pouco tempo. A humilhação, a sensação da dor, a vergonha, voltam como se elas nunca tivessem saído de dentro de mim. Hoje quando olho para um mapa, meus olhos se dirigem automaticamente para o estreito de Bering. Ao recordar este fato fica difícil segurar as lágrimas que voltam aos meus olhos. Isto me faz refletir sobre minha prática. Será que em algum momento de minha trajetória como professora fiz alguns de meus alunos passarem por humilhação? Se fiz, aproveitei esse momento de reflexão, para pedir perdão, embora não serão eles que estarão lendo este trabalho. Esses atos não ficam tão marcados para os que praticam como marcam para os que os recebem.

Final de ano a triste notícia, já por mim esperada: recuperação em ciências e

geografia. Minha irmã Débora foi quem me ajudou. Foram semanas estudando, lendo e relendo, mas que valeram a pena, pois passei de ano.

Nas séries seguintes já me saí melhor e acompanhei a classe sem tantas dificuldades. O que mais recordo da sexta série é das minhas amigas, das reuniões nas casas para fazermos trabalhos, das nossas conversas.

Na sétima série, freqüentei a escola onde estudei desde o primário até o final do primeiro semestre, pois nos mudamos para Santa Bárbara d' Oeste. Foi muito difícil essa mudança, deixar os amigos de infância para trás, a vila onde morava, e ir para um lugar estranho, entrar em uma escola onde não conhecia ninguém. Mas, enfrentei o desafio, fui me adaptando, me enturmando aos poucos com os novos colegas. O que me ajudou muito foram as cartas que minhas amigas de infância me enviavam.

Oitava série, novo desafio, estudar à noite! Não tinha aluno suficiente para montar uma classe durante o dia. Novos amigos, novos professores. Euforia e correria com os preparativos para a tão sonhada formatura. Até que o grande dia chegou! E com ele novos desafios!

5. O MAGISTÉRIO

“... a formação inicial dos professores é extremamente importante, porém não suficiente para o atendimento das exigências educacionais cada vez mais complexas”.

Peron, 2001, p. 364

No bairro onde morava não tinha nenhuma escola de 2º grau (hoje ensino médio) e o meu sonho era fazer Magistério e seguir a carreira de professora. Então me inscrevi e prestei o vestibular para cursar o Magistério numa escola no centro da cidade. Que decepção! Não achava meu nome na lista dos aprovados, e nem na lista de espera. Chorei muito! Nunca tinha sido reprovada em nada, como não consegui passar num vestibular?

Com o coração entristecido fiz a matrícula no 1º ano do 2º grau. Apesar de não estar estudando aquilo que eu queria, gostei muito. Fiz novas amizades, a turma era maravilhosa e os professores muito competentes. O que me deixava muito feliz era quando pediam para eu passar a matéria na lousa. Nem me importava em copiar a matéria duas vezes. Eu me sentia importante.

Quando terminou o ano, uma nova porta se abriu. A oportunidade de me matricular no segundo ano do Magistério. Que felicidade! Finalmente eu iria realizar o meu tão esperado sonho. Ser professora!

Conclui o curso em 1991! Quanta inocência! Achei que o curso iria me “transformar” em professora. Mas, infelizmente, devido a muitas greves, o curso sendo sempre interrompido, acabou por prejudicar minha formação, queria ter saído mais preparada. Nessas greves, os professores lutavam em defesa da escola pública e reivindicavam melhores condições de trabalho e de salário. Foi um período de transições e de profundas transformações, que envolveram praticamente todos os setores da vida institucional do Brasil.

Nessa época o ensino era tecnicista, voltado para a formação de mão de obra para o mercado de trabalho, o aluno aprendia a fazer, a desenvolver competências, por esta razão, acredito que minha formação no magistério foi baseada mais num ensino mecânico do que reflexivo, aprendi a planejar aulas, confeccionar cartazes, fazer exercícios de prontidão (no caderno quadriculado e no de linhas verdes), também

montei uma pasta com moldes de desenhos, prontos para serem mimeografados, principalmente referentes a datas comemorativas.

O curso era o reflexo de uma educação tradicional que acontecia nas escolas brasileiras há muito tempo, a aprendizagem do ofício passa por uma escolarização mais ou menos longa, cuja função é fornecer aos futuros professores, conhecimentos teóricos e técnicos preparatórios para o trabalho docente, ou seja, professores ensinavam do mesmo modo pelo qual tinham sido ensinados, consideravam a fixação e memorização dos conteúdos mais importantes do que autonomia do pensamento e a liberdade para descobrir e criar.

Aprendi no magistério, mas não o suficiente para enfrentar a realidade da sala de aula. O que pude comprovar quando recebi um inesperado convite.

6. ATUAÇÃO PROFISSIONAL

“O futuro pertence àqueles que acreditam na beleza dos seus sonhos”

Eleanor Roosevelt (apud Chalita, 2001, p.30)

Estava cursando o 4º ano do Magistério quando fui convidada para trabalhar em uma escola particular:

Quanta alegria! Meu sonho se tornando realidade!

A escola de Educação Infantil se chamava “Arca de Noé!” Eu iria trabalhar em uma sala de Jardim II, com crianças de cinco anos. Minha primeira turma! Ao me deparar com a classe, aqueles olhinhos me olhando como se eu fosse a pessoa mais importante do mundo e eu com toda minha timidez, falta de preparo, não sabia nem o que falar para eles. A dona da escola me apresentou, saiu e eu fiquei sozinha com as crianças. E agora o que fazer? Confesso que não sabia, pois o magistério não havia me ensinado a “dar aulas” só a planejá-las. E isso eu havia feito.

Com o plano de aula na mão, com os objetivos traçados, com os conteúdos delineados, com a metodologia escolhida, (tudo bonitinho, conforme havia aprendido no Magistério) comecei a dar minha aula. Cantei algumas músicas infantis e expliquei a atividade (mostrando uma pronta de modelo, para que eles não fizessem nada errado). Lembro da atividade até hoje: um pato pintado de amarelo, com o bico laranja, olhos azuis, nadando no rio, também azul. E era isso que eles deveriam fazer, pintar a atividade igual a minha.

Segundo Almeida,

“... as práticas docentes estão calcadas em uma concepção modelar e padronizada de ensino: os professores sempre determinam o que e como fazer, cabendo aos alunos realizar a tarefa proposta – todos do mesmo modo e ao mesmo tempo” (ALMEIDA, 2001, p. 22).

Que bela professora me saí. Pintar aqui, recortar e colar ali. Oferecia modelos prontos, enfatizava a técnica pela técnica, fazendo com que meus alunos reproduzissem atividades mecânicas, sem sentido algum. E assim foi minha primeira experiência em sala de aula como professora, contribuindo para a formação de meros reprodutores.

Foi através da prática e das experiências em sala de aula que fui aprendendo a

trabalhar com meus alunos. Tentando ensinar, ia aprendendo junto com eles e fui me constituindo “professora”. Comecei a sentir o prazer e a angústia, as alegrias e as tristezas da profissão. Nesse sentido, aproprio-me das palavras de Roseli Cação para afirmar que: “Não nascemos professoras, nem nos fizemos professoras de repente. O fazer-se professora foi-se configurando em momentos diferentes de nossas vidas”. (FONTANA, 2000, p. 122).

Para Magda Soares o sujeito é produto da herança cultural, da história. Vivendo, contribui para o curso da história, ao mesmo tempo em que é por ela condicionado. O processo em que alguém se torna professor (a) é histórico. (SOARES, apud FONTANA, 2000, p. 122).

No final do ano conclui o curso e me formei. Agora sim, sou professora! Estou com meu diploma na mão. E com ele novas buscas e novos desafios.

Uma semana depois da minha formação, a Prefeitura Municipal de Santa Bárbara realizou um concurso para professores de Educação Infantil, e lá estava eu para mais um desafio.

Quando saiu a classificação no jornal, aquela ansiedade, e agora, será que meu nome esta nesta lista? Estava! Graças a Deus passei! Em 13º lugar! Foi uma alegria e tanto.

Continuei dando aula na escola particular e quando fui chamada na Prefeitura (março de 1992) havia uma sala no horário oposto ao que eu trabalhava e deu para conciliar as duas escolas.

O ano 1992 foi muito especial para mim, foi o ano das minhas realizações. Efetivei-me na profissão dos meus sonhos, e em maio, mês das noivas, realizei meu outro sonho. Casar! Quanta felicidade! Como é bom realizarmos sonhos! E quantas mudanças essas realizações trazem em nossas vidas.

Infelizmente no ano seguinte eu tive que fazer uma escolha muito difícil: optar entre uma das duas escolas, pois não dava mais certo conciliar o horário. Foi com muita tristeza que me despedi da escola onde dei os primeiros passos da minha carreira e fui para uma nova escola, onde estou até hoje. Onde tiveram início minhas indagações e reflexões.

Lembro como se fosse hoje, meu primeiro dia nessa escola. A escola era nova, havia sido construída no ano anterior. Toda feita de madeira.

Quando entrei para conhecer as salas parecia que estava entrando em uma casinha de bonecas. Mesas e cadeiras pequenas, cortinas xadrez branco e vermelho. Parecia um sonho! Imaginem quantas brincadeiras de faz-de-conta este ambiente

proporcionava. Mas eu, com minha pouca experiência, e com o conceito de que ser professor é reproduzir conhecimentos (o que aprendi desde a minha formação primária) então, eu não estava ali para brincar, mas sim, para “dar aulas”. Eu tinha um currículo a cumprir e todo bom professor cumpre à risca, não deixando de dar nenhum conteúdo (era essa minha visão).

Os conhecimentos adquiridos no Magistério, através das disciplinas didáticas, eu queria pôr em prática. Queria adequar as “didáticas” aprendidas à minha sala de pré-escola, com isso transformei as crianças em “alunos” e as brincadeiras em “aulas”.

Segundo Kulhmann Jr. (1999), são os adultos que devem conhecer os conteúdos das áreas de conhecimento, não as crianças. Não se trata de sistematizar o mundo à criança, mas de proporcionar que elas vivam os ambientes de vida em contextos educativos.

Durante toda minha trajetória passei por diferentes conceitos em relação à identidade da pré-escola: seria ela lugar de recreação ou de aprendizagem?

A cada quatro anos, conforme a mudança da administração, muda-se também toda Secretaria de Educação e com ela novos especialistas, novas idéias e novos sistemas de ensino. Quando estávamos acostumando com o novo sistema, novas eleições, novos secretários, novos olhares. Para uns a pré-escola era vista como “parquinho”, “recreação” aonde as crianças só vão para brincar (e eu ficava muito brava quando ouvia isso, nem tinha parque na minha escola!); para outros era tida como uma preparação para o Ensino Fundamental, e eu também acreditava que fosse. Então, eu precisava preparar essas crianças! Minha preocupação era passar conteúdos, desenvolver a coordenação motora, ensinar eles a escrever. Ensinava, através de cópias, o traçado da escrita, ao que Vygotsky diz: “Ensina-se às crianças a desenhar letras e a construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita”. (VYGOTSKY, 1998, p.139)

Através das leituras dos diversos textos e livros, pude compreender que o desafio da educação infantil não é o de ensinar a desenhar e juntar letras, mas sim oferecer condições para que as crianças possam se desenvolver como pessoas plenas e de direitos. (BRITTO, 2005)

A escola deve ajudar a criança a se interessar pelo domínio da escrita e entender porque e para que se escreve, e isso só será possível se for trabalhado temas do interesse das crianças. E eu só me preocupava em cumprir os conteúdos da grade curricular.

Eu proporcionava aos alunos momentos de brincadeiras, mas esse não era meu

objetivo principal. Agora vejo o quanto estava enganada em meu conceito e hoje defendo a idéia de que a pré-escola deve ser um lugar onde as crianças possam vivenciar as brincadeiras que tive o privilégio de aprender na rua, na minha infância.

Criança não precisa só de casa, comida carinho e educação. Criança precisa de tempo e espaço para brincarem. As crianças de hoje não têm esse espaço e a escola deve proporcionar isso a ela. E o mais importante é o professor ter o conhecimento que através da recreação a criança adquire conhecimento, ela aprende.

Ao escrever essas linhas me recordo da fala da Ana Lúcia em uma Aula Magna³ quando disse que professor de Educação Infantil não tem alunos, tem crianças e que ele não dá aulas, mas organiza espaços. Isso me levou a refletir e muito acerca do meu papel enquanto professora e passei a questionar a mim mesma. Eu estava enchendo meus alunos, depositando conhecimentos, vivenciando uma educação voltada para a sistematização de conteúdos, e não era isso a função, nem o papel, do professor de Educação Infantil.

Agora compreendo isso e minha vontade é que todos os professores tenham essa visão. É por isso que em cada oportunidade eu discuto com os professores sobre o papel da Educação Infantil e a importância do brincar, do lúdico para o desenvolvimento da criança.

O brincar na escola é diferente do brincar em casa, pois a brincadeira em grupo permite inúmeras aprendizagens e descobertas. Através da brincadeira a criança pensa, constrói, decide, se emociona, experimenta, descobre, respeita regras e limites, pois a brincadeira é uma aprendizagem social.

Quando a criança brinca vai acumulando as experiências que vão construindo a cultura lúdica. Essa experiência vai se enriquecendo à medida em que ela participa de brincadeiras com outras crianças.

Depois que me tornei, “mãe”, em 1995, comecei a ter um outro olhar em relação aos meus alunos. Passei a percebê-los como crianças, como seres em formação, com necessidades e preferências. Passei a respeitar mais seus limites, suas emoções, mas nada mudou em relação aos conteúdos.

Lembro que, em 1997, eu e minhas colegas de trabalho, montamos um planejamento com temas geradores. Ficou espetacular. Nele abrangemos todos os conteúdos da grade curricular, dando seqüência aos assuntos, inclusive todas as datas comemorativas do ano. Era só segui-lo à risca. E é com muita tristeza que relato neste memorial, que este planejamento serviu como uma bíblia para nós por alguns anos. A

³ Aula Magna proferida no dia 01/10/2003, cujo tema era “Pedagogia da Infância”

cada início de ano nós mudávamos a capa, mas o conteúdo continuava o mesmo.

Crianças diferentes, realidades diferentes, mas o mesmo planejamento, os mesmos assuntos, as mesmas práticas. Comecei a discutir sobre isso com minha amiga e parceira de trabalho, nossas discussões eram constantes. Que significado têm esses conteúdos e atividades para nossos alunos? O mundo em constante transformação, as crianças tendo acesso às mais variadas informações, seja através da mídia ou da comunidade em que vivem, as famílias se desmoronando, e nós trabalhando temas que nada têm a ver com a realidade que estão vivendo.

Ao relatar sobre isso me recordo de um texto lido na disciplina de Filosofia de Demerval Saviani (1991) que me trouxe muitas reflexões. No texto ele diz que deixamos de trabalhar aquilo que é essencial, ou seja, o processo de transmissão-assimilação de conhecimentos sistematizados e deixamos aquilo que é secundário (principalmente as datas comemorativas) tomar conta do principal, ou seja, perdeu-se de vista a atividade nuclear da escola que é a transmissão dos instrumentos de acesso ao saber elaborado. E essa era a minha prática, passava o ano todo trabalhando atividades estereotipadas e esquecia do principal.

Segundo Araújo,

“Nosso currículo, com tais conteúdos e disciplinas, exerce a função apenas de instruir os alunos sobre os conhecimentos construídos historicamente pela humanidade, e não de formar eticamente o cidadão que vive nas sociedades contemporânea”. (ARAÚJO, 2003, p.32)

Para ele a escola deve promover uma aproximação entre os saberes da realidade vivenciada no dia-a-dia dos alunos e os conhecimentos científicos como forma de enriquecimento da própria experiência. Aquilo que a criança aprende na escola deve ter relação com a sua vivência.

Claro que realizávamos todo um trabalho por trás de cada tema, de cada atividade, mas o fim de cada uma delas era o mesmo: o registro. O importante era ter a matéria registrada no caderno, ou seja, priorizava-se a quantidade e não a qualidade, se a criança aprendeu alguma coisa ou não, não importava, eu havia trabalhado, cumpri meu planejamento.

Eu sabia que estava errada, que precisava mudar minha prática, mas não sabia como mudar, o que trabalhar no lugar para substituir as atividades rotineiras.

Com a vinda dos Referenciais, um novo planejamento. Deveria, no decorrer da semana, através das atividades desenvolvidas, contemplar todos os eixos nele descritos. Isso me levou a variar um pouco as atividades, mas os conteúdos trabalhados

continuaram os mesmos. O que eu não me conformava era que, se através de uma atividade eu contemplasse mais de um eixo, eu deveria escolher somente um para registrar como o “eixo trabalhado do dia”. Esses tipos de coisas me deixavam com uma sensação de impotência, o que acarretou em mim um processo de reflexão. Esse processo dobrou de proporção, quando iniciei minha formação superior.

7. FORMAÇÃO SUPERIOR

“Só o profissional pode ser responsável por sua formação. O aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente”.

Nóvoa, (apud Revista Nova Escola, ag. 2002, p.23)

Acredito que todo sonho de professor é cursar Pedagogia. Esse passou a ser meu sonho, mas as condições financeiras não me permitiam. Eu estava construindo minha casa, queria outro filho. Vários outros obstáculos me impediam.

A nova LDB recomendando que a formação do professor se desse preferencialmente em nível superior, me preocupou muito, pois eu me encontrava num dilema: ter meu 2º filho ou fazer um curso superior. E o coração de mãe falou mais alto. Optei por ter meu filho e depois me preocupar com minha formação.

Mas valeu a pena esperar. A coisa mais linda e maravilhosa que existe no mundo é o fato de ser mãe, de gerar um filho! E ainda curtindo meu bebê, eis a notícia! A Prefeitura havia feito um convênio com a UNICAMP oferecendo o curso de Pedagogia gratuito para os professores. E agora! Uma oportunidade dessas não acontece duas vezes. E eu num novo dilema. Não posso deixar meu bebê, já passo o dia todo longe dele trabalhando e deixá-lo à noite também, eu não vou suportar! Procurei saber se seria só para aquele ano e me disseram que não. Então me tranqüilizei.

Mas, no ano seguinte, não resisti. Fiz a inscrição e me preparei para o vestibular. Às vezes desejava passar, outras não. Até que o dia de prestar o exame chegou. O coração batia mais forte no peito, uma ansiedade frente àquelas perguntas, mas as respostas foram fluindo, fluindo e acabou. Pronto! Feita a prova, agora era só aguardar alguns dias. Que ansiedade! Será que passei? E para minha surpresa, alegria e felicidade lá estava meu nome na lista dos aprovados. Nem acreditei! Agora não posso voltar atrás, vou até o fim.

O início do curso foi muito difícil. Trabalhar o dia inteiro, estudar à noite e dividir o pouco tempo entre dar atenção aos filhos, ao marido, às leituras e trabalhos. É preciso muita força de vontade e determinação.

Mas naquela euforia de voltar a estudar, as aulas riquíssimas, as trocas de

experiências, a sede do conhecimento que a faculdade nos proporciona, serviram de impulso e me animaram bastante. Não imaginava quanta surpresa este curso me traria.

E o tempo passou! E passou tão rápido que aqui estou, na reta final, escrevendo meu memorial, como trabalho de conclusão do curso. E o que isso proporcionou para minha vida?

8. CONTRIBUIÇÕES DO PROESF PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

“... educar é realizar a mais bela e complexa arte da inteligência. Educar é acreditar na vida, mesmo que derramemos lágrimas. Educar é ter esperança no futuro, mesmo que os jovens nos decepcionem no presente. Educar é semear com sabedoria e colher com paciência. Educar é ser um garimpeiro que procura os tesouros do coração”.

Augusto Cury, 2003, p.9

O PROESF me proporcionou descobertas, reflexões e grandes, grandes transformações! A prática pedagógica foi enriquecida pela fundamentação teórica. Cada disciplina teve sua contribuição.

Tive oportunidade de conhecer e ouvir os mais ilustres professores da Unicamp, tais como: Sérgio Antônio da Silva Leite, Sérgio Ferreira Amaral, José Luis Sanfelice, Dulcy Pompêo, Ana Lúcia Goulart Faria, Anna Regina Lanner de Moura, Renê José Trentin Silveira, Aparecida Néri de Souza, Ivan Amorosino do Amaral, Luiz Carlos de Freitas, Heloísa Helena Pimenta Rocha, Ernesta Zamboni, Wenceslao Machado de Oliveira Júnior, Ângela Soligo, Márcia Maria Strazzacappa Hernández, Maria Evelyn, Evaldo Piolli, José Roberto Heloani, Elisabete Pereira, Olga Von Simson, Ana Toresan, e outros. Isso ficará guardado para sempre em minha memória.

Muitos momentos me marcaram no decorrer do curso: na disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa conheci o novo conceito de alfabetização através do letramento, isto é, ensinar o código escrito de maneira contextualizada, sendo a escrita utilizada de acordo com suas práticas sociais, como algo integrado no cotidiano dos indivíduos.

Soares define letramento como “... o resultado da ação de ensinar e aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. (SOARES, 1998 apud LEITE, 2001, p. 30).

Na disciplina de Sociologia o que me marcou foi o famoso “*paper*” cujo tema era “A Concepção de Educação em Emile Durkheim”.

As aulas de Filosofia e Psicologia me fizeram refletir muito sobre minha prática e a desenvolver o movimento dialético reflexão-ação. Também proporcionaram momentos em que pude relacionar a teoria à prática, e dessa maneira pude crescer como pessoa e como profissional.

Não posso esquecer de citar também as questões da avaliação formal e informal, vistas na disciplina de Avaliação. Na avaliação formal é avaliado aquilo que o aluno aprendeu, é feito um procedimento concreto, visível, cuja apreciação final é a nota. Já na informal, a avaliação acontece na forma de juízo de valor que o professor constrói sobre cada aluno e que permeia toda sua atuação na sala de aula. Esse tipo de avaliação são constantes e presentes nas instituições de educação infantil.

Nas disciplinas Educação da Criança de 0 a 6 anos e Educação Infantil foram muitas as contribuições para novos conhecimentos. Aprendi sobre o conceito de infância, sobre a história social da criança e da família, sobre o atendimento ao pré-escolar antes e depois da Constituição de 1988, sobre os profissionais que atuam nessa área, sobre a cultura infantil e muito mais. Esses conhecimentos contribuíram e muito para a reflexão da minha prática em sala de aula.

Nas disciplinas de Políticas Educacionais e Gestão pude perceber, que minhas colegas de classe, também sofrem com as imposições decorrentes das mudanças administrativas em seus municípios.

Em Currículo e Escola conheci todos os tipos de currículos e me encantei com os clássicos e suas contribuições para educação.

Enfim, todas as demais disciplinas, também me acrescentaram conhecimentos.

As aulas magnas foram muito marcantes em minha formação. Uma delas em especial. No dia 08 de setembro de 2004 o Profº Drº Luis Carlos de Freitas⁴ teve uma fala que marcou minha vida “... *o conhecimento dói, porque cria a possibilidade de fazer a crítica. Quando não se sabe nada não sofre, mas quando sabe começa a doer*”. No dia não o compreendi, mas no decorrer do curso e principalmente através das leituras, para a escrita desse memorial, eu pude entendê-lo. O que me entristece é o tempo que levei para chegar a esses conhecimentos. E quantos professores estão espalhados por esse mundo com suas práticas equivocadas, acreditando que estão certos e não estão. Ao mesmo tempo me sinto alegre, porque agora sei, cheguei a esse conhecimento, abri meus olhos, mudei minha visão, minha prática.

⁴ Aula Magna proferida no dia 08/09/2004, em que foi discutida a relação entre a escola e a sociedade.

Isso me deixou muito sensível, teve dias em que me deparava com certas situações na escola que me causavam dor e as lágrimas subiam aos meus olhos. Algumas vezes não consegui segurá-las. Era só eu contar para alguém as minhas reflexões e as lágrimas voltavam. Dói, dói muito quando escuto professores de Maternal, Jardim I, II dizer aos alunos: “... *fiquem quietos! Não levantem do lugar! Estou aqui para ‘dar aulas’ e vocês estão aqui para ‘fazer lição’! Aqui é escola, não é lugar de brincadeiras!*” O que me dói mais é saber que eu também agia assim, essas eram minhas falas, eu também fazia isso com meus alunos do pré. Graças às leituras exigidas durante o curso e as inúmeras discussões em sala de aula, pude mudar minha visão, pois foram elas que contribuíram para minhas reflexões e transformações.

Foi no decorrer do curso que encontrei respostas aos meus conflitos e indagações e também repertório teórico relacionado à Educação Infantil, principalmente à pré-escola que é minha área de atuação.

Ao longo da minha trajetória tenho sentido na pele o desafio de ser professora de educação infantil, pois é uma profissão que causa descaso, sempre fomos desvalorizadas.

Para muitos, o professor de educação infantil não precisa ter uma formação teórico-prática, basta saber cuidar do bem estar físico das crianças.

É o que nos afirma Campos:

“Confirma-se por toda a parte a regra que estabelece que, quanto menor a criança a se educar, menor o salário e o prestígio profissional de seu educador e menos exigente o padrão de sua formação prévia”. (CAMPOS, 1999 apud ABRAMOWICZ, 2003, p.15)

Não condeno os que assim pensam, pois, inicialmente as creches e pré-escolas foram criadas com fins assistencialistas e visavam apenas dar proteção aos filhos de mulheres das classes trabalhadoras. Desde então, têm passado por transformações de seu papel social, tendo alcançado várias conquistas, dentre elas o reconhecimento de que a educação já começa nos primeiros anos de vida, sendo esta a 1ª etapa da educação básica segundo a Lei 9394/96. Com isso, o papel do educador infantil também foi se aprimorando e tem hoje seu valor conquistado na educação, apesar do desconhecimento de alguns.

Com a nova Lei de Diretrizes e Bases (1996) foram regulamentado alguns direitos assegurados na Constituição de 1988 e no Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990. No artigo 29 a LDB traz uma nova concepção de educação, visando

o desenvolvimento integral das crianças, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. A criança deve ser vista como “cidadão agora e não somente no futuro”, devendo ser respeitada enquanto “ser em desenvolvimento, com necessidades e características específicas” pois nem sempre a criança foi assim considerada.

Por muito tempo existiu a crença de que criança não precisava de educação, mas de cuidados. Não havia vestuário específico, por exemplo, até o século XVII, a criança desde que abandonava as roupas de bebê, era vestida como adulto, não havia literatura infantil, resultando numa definição biológica e não cultural da infância.

Segundo Rosemberg (1976), na sociedade-centrada-no-adulto, a criança não é, ela é um vir-a-ser, é potencialidade e promessa. Enquanto promessa ela reúne e possui as potencialidades que o adulto não realizou. Daí a projeção na infância dos ideais não atingidos pela geração adulta e pela sociedade.

Não se leva em consideração a criança real, sua maneira de ser, aprender e conviver, mas sim a criança num sentido abstrato ou idealizado. A infância tem que ser respeitada. A criança não é um adulto em miniatura.

De acordo com Kramer (1992) Vygotsky considera que “a criança não é um adulto incompleto, não é um pedaço inacabado de uma seqüência de etapas. Ela é sujeito social e histórico hoje, desenvolvendo-se sim, mas alguém real, cidadã, pessoas, gente”. (KRAMER, apud FARIA, 1999, p 51)

É necessário um novo olhar para o mundo infantil, um olhar que vê a criança envolvida e fazendo parte do mundo social desde que nasce, como um sujeito de desejos, sentimentos, vontade, inteligência, construtor de sua história e não um vir-a-ser alguma coisa. A vida humana tem sido um constante vir-a-ser. Tudo que ocorre na infância terá seus reflexos na vida adulta. A criança não é um futuro homem, uma futura mulher, mais um futuro cidadão, uma pessoa titular de direitos, com uma maneira própria de pensar e de ver o mundo.

Segundo Rosemberg (1976), muitos vêem a educação como uma humanização da criança, sendo que a infância precisa ser ultrapassada para atingir o paradigma adulto. Nesse contexto, o educador (formal ou informal) não se relaciona com a criança concreta, real, mas com o adulto futuro. Presa ao passado e ao mesmo tempo projetada no futuro, a criança vista pelo adulto perde seu caráter histórico.

É preciso ver as crianças como cidadãos de direitos, membros de um grupo social, construtores de conhecimento, identidade e cultura. A infância deve ser tratada como uma etapa importante da vida em si mesma, que deixa traços nas etapas

posteriores e não apenas como o adulto que a criança vai se tornar.

Hoje compreendo a educação infantil como um direito da criança, e como profissional da área devo entender que a pré-escola deve proporcionar à criança desenvolvimento integral: físico, cognitivo e psicológico, numa prática sustentada em conhecimento científico e metodológico, adotando uma concepção de infância, assumindo-a como um dos períodos da vida e não como uma fase de transição.

A mudança na mentalidade de muitos professores (principalmente na minha, pois devo admitir que mudei muito), será a conquista mais importante dentro dessa profissão. Cabe a nós, propiciar situações de aprendizagens orientadas que garanta a troca e a apropriação de conhecimentos pela criança, permitindo assim, a construção de aprendizagens significativas para elas.

Confesso que sempre tive uma visão pedagógica equivocada sobre a identidade da pré-escola, acreditava ser um período preparatório para o Ensino Fundamental. Essa visão vem acompanhando a pré-escola desde a década de 70. Nessa época houve muitas repetências das crianças das classes pobres no primeiro grau e muita evasão escolar, por esse motivo, houve a necessidade de antecipar a escolarização e assim colocar as crianças em melhores condições no ensino fundamental. A crescente urbanização, a participação e inserção cada vez maior do trabalho feminino, a luta dos movimentos sociais, a antecipação crescente da escolarização de crianças, também são algumas das razões que contribuíram para fortalecer essa visão equivocada a respeito da pré-escola.

Hoje compreendo a Educação Infantil como um espaço que educa e cuida das crianças para que cresçam sem deixar de ser criança e que produzam as culturas infantis. Vejo-a como uma fase de preparação, mas como um todo, estimulando o potencial afetivo, social, cognitivo, emocional, motor, etc., cujo objetivos são mais amplos do que simplesmente criar condições para que a criança se alfabetize.

A pré-escola deve ser um lugar de descobertas, de muita alegria, cor e movimento. Que proporcione o brincar, jogar, cantar e criar. Que permita a evolução de cada um, de interagir com o meio sócio-cultural. Um ambiente de liberdade que assegure a busca de conhecimentos e prazer. Que garanta uma infância rica, que contemple e respeite seus direitos, principalmente que respeite o tempo de ser criança e que não antecipe a escolaridade.

Segundo Faria (2005), creches e pré-escolas que priorizam esses direitos, organizam seus espaços físicos considerando todas as dimensões humanas implícitas na criança, tais como: o imaginário, o lúdico, o artístico, o afetivo e o cognitivo, não desvinculando o educar do cuidar. Estas dimensões estão contempladas nos *Critérios*

para um atendimento em creches e pré-escolas que respeitem os direitos fundamentais da criança, documento da COEDI/MEC elaborado por Fúlvia Rosemberg e Maria Malta Campos (1995).

Sendo assim, essas instituições de cuidado e educação das crianças pequenas, promovem a construção da cultura infantil, oportunizam o contato com as diferentes linguagens e contemplam o convívio de crianças de várias idades e diferentes culturas, combatendo as desigualdades, exercitando a tolerância e não o conformismo, através do movimento dialético entre professores e alunos, favorecendo desta forma, a construção da identidade e autonomia da criança.

Outro fato de suma importância é a linguagem afetiva, o diálogo, os contos, as histórias. Para Rizzoli (2005), o mais importante quando se conta história é o sentimento que se flui, as histórias são cheias de afetividade, medos, fantasias, prazer, tocam corações.

Os meios modernos trazem tramas, mas o contar oralmente é cheio de afetividade e transforma, pois é um trabalho psíquico. A narrativa fica gravada e anos mais tarde poderá ser resgatada. Ela desenvolve a imaginação, a curiosidade tão necessária, e a leitura se torna algo familiar à criança, pois o livro é um instrumento de conhecimento, é um objeto a ser explorado.

Gosto muito de contar histórias para meus alunos e fico admirada em ver como se concentram e prestam atenção. Seus olhos brilham de emoção e expectativa. Quando utilizo fantoches então, eles vibram. Por isso a figura do adulto, na atividade de leitura é extremamente importante para a criança, pois tendo o adulto ao seu lado, lhe dará segurança. A criança tem que ter prazer de estar ao lado do adulto e este deve favorecer a criança, a curiosidade, o prazer, a compreensão e a fantasia. Muitos não têm prazer em ler porque faltaram repertórios desde pequenos. É muito importante abordar a leitura com crianças desde bem pequenos, a leitura sem letras, o contato físico com o livro, que devem estar sempre ao alcance das crianças.

Tenho procurado também desenvolver o gosto pela leitura em meus alunos, através da Leitura Compartilhada realizada diariamente e também com do Projeto “Vai e Vem”. Nesse projeto o aluno escolhe um livro da sala de aula e leva para ler em casa com a ajuda dos pais. Na aula é dado um espaço para que ele recontar a história aos colegas. Esse projeto tem despertado bastante interesse pela leitura e já esta sendo praticado em outras salas da Unidade Escolar.

Tudo isso não é um modelo, mas um estímulo tão necessário à aquisição da leitura e escrita, que tem um papel enorme no desenvolvimento cultural e psíquico da

criança, pois ela representa a fala que representa a realidade.

De acordo com Mello (2005), para Vygotsky a aquisição da escrita resulta de um longo processo de desenvolvimento das funções superiores do comportamento infantil que o autor chama de pré-história da linguagem escrita. Essa história começa com o gesto. Entre o gesto e o signo escrito se interpõem dois elementos: o desenho e o faz-de-conta.

Com a ajuda de ambos, a criança vai tornando mais elaborado o modo como utiliza as diversas formas de representação, o que nos leva a entender que essa representação é uma etapa anterior e uma forma de linguagem que leva à linguagem escrita.

Se quisermos que as crianças se apropriem efetivamente da escrita, precisamos garantir que elas utilizem o faz-de-conta e o desenho livre, vividos como forma de expressão e de atribuição pessoal de significado àquilo que ela vai conhecendo no mundo da cultura e da natureza.

A escola, através de exercícios e treinos, acaba ensinando que escrever é desenhar letras, quando, de fato, escrever é registrar e expressar informações, idéias e sentimentos. Esse treino acaba tomando o lugar de todas as outras atividades que privilegiam a expressão, como dança, teatro, poesia, pintura, modelagem, desenho, a brincadeira de faz-de-conta, a construção e a própria fala. Atividades estas vistas como improdutivas, mas que na verdade são fundamentais para a formação da identidade, da inteligência e da personalidade da criança.

Para a criança aprender ela precisa ser ativa no processo, aprender envolve atribuir um sentido ao que se aprende. A informação só vai ser apropriada se a criança puder interpretá-la e expressá-la na forma de uma linguagem.

De acordo com Mello (2005) Vygotsky afirma que da mesma forma que a linguagem oral é apropriada pela criança naturalmente, a partir da necessidade nela criada no processo de sua vivência social numa sociedade que fala, a escrita precisa fazer-se uma necessidade natural da criança numa sociedade que lê e escreve, e o professor deve criar essa necessidade na criança.

A criança precisa conviver com a leitura e escrita, para isso, é necessário que se trabalhe profundamente o desejo e o exercício da expressão, por meio das diferentes linguagens, diversificando sempre. É permitir à criança exercitar seu papel de protagonista neste seu processo de aprender e tornar-se cidadã, pois isso servirá de base por toda uma vida.

Outro fator muito importante é a questão dos espaços na educação infantil.

Segundo Faria (2005), os espaços devem ser versáteis e flexíveis, incorporando vários ambientes num contexto educativo, que possibilitem novidades a serem criadas, tanto pelas crianças como pelo adulto e que permita a independência das crianças.

Devem ser locais onde sejam possíveis as realizações de atividades individuais e coletivas, possibilitando melhores condições de vida, tanto para a criança pobre quanto para a rica, superando assim, a dupla alienação da criança. Isso é fundamental para que se cumpra o direito à educação das crianças de 0 a 6 anos. Direito a brincadeiras, pois através dela a criança aprende a socializar, a se desenvolver; direito a um ambiente seguro, a um contato com a natureza; direito a desenvolver sua curiosidade, à proteção e afeto, à expressão de sentimentos; direito à infância e a melhores condições de vida dentre tantos outros. É preciso respeitar os direitos das crianças.

Sonho em poder possibilitar isso tudo aos meus alunos, mas em minha escola, a organização do espaço varia muito de acordo com a visão da administração vigente. Se a administração defende a idéia de que a pré-escola é lugar de alfabetização, o espaço é organizado de modo que as crianças tenham maior contato com a leitura e escrita. Se visa o lúdico, os espaços são organizados em “cantinhos”.

Em 2002, foi sugerido que se trabalhasse com os “cantinhos”, pois essa era a visão da administração. O objetivo principal era desenvolver a autonomia do aluno, por isso cada criança escolhia o que gostaria de fazer, sendo assim, cada grupo estaria realizando atividades diferentes de acordo com seu interesse (faz-de-conta, pintura, modelagem, recorte, colagem) e o professor deveria escolher um grupo por dia para fazer intervenção. Foi uma mudança radical, senti como se tivessem me puxado o tapete, mas procurei fazer o melhor possível. (Nessa época ainda acreditava que a educação infantil era um período preparatório, então não gostei nada dessa mudança). Quando estava me acostumando em trabalhar com os cantinhos, houve novas mudanças. No ano seguinte, a secretaria Municipal de Educação passou por uma reformulação, não sendo mais exigido o trabalho com “cantinhos”, mas com o Referencial Curricular de Educação Infantil. E assim o espaço escolar foi reestruturado novamente, esqueceram-se os cantinhos e agora era para trabalhar os “eixos” dos referenciais.

Florestan Fernandes (2004), relata vários exemplos com relação ao lúdico e ao imaginário, em que os grupos infantis, condicionados ao desejo de brincar, inserem as crianças num meio social de maneira mais livre e íntima. A base do grupo é pautada na cultura infantil que se assemelha ao folclore, porém é mais ampla, pois abrange tudo

que a criança produz, como elabora, como escolhe o líder e suas organizações, através das brincadeiras. Os adultos são uma condição para as crianças, eles não estão lá, mas são necessários, pois precisam da vizinhança para compor o grupo.

Embora as brincadeiras venham do mundo adulto, são as crianças que passam para o outro. Essa interação é muito importante para transmitir a cultura infantil. Quando a criança brinca não está imitando e sim padronizando qual é a função social requerida pela sociedade. A criança, ao interagir com o meio social, está em constante processo de crescimento, através de descobertas que fluem de sua imaginação, que é sempre um processo experimental.

De acordo com Faria:

“A imaginação é sempre um processo experimental. As brincadeiras imaginosas são uma atividade de grande importância para o desenvolvimento infantil, constituem uma atividade com a qual a criança testa a forma do futuro. Essas atividades imaginativas dão à criança confiança e liberdade no seu ambiente futuro”. (FARIA, 2004, p. 41)

Através das brincadeiras imaginadas previamente a criança testa a forma do futuro, podendo construir, apropriar-se do mundo e transformá-lo. É através da curiosidade e das brincadeiras que nasce o interesse da criança.

É no mundo do brinquedo e da brincadeira, no qual a criança pequena vive mergulhada a maior parte do seu tempo, que devemos buscar a matéria prima para nosso trabalho. Através do que lhe é mais atraente, ou seja, o brincar. Assim poderemos contribuir para que a criança se desenvolva física e psicologicamente, e se através disso, ela se alfabetizar, será de maneira lúdica e prazerosa.

Por este motivo pretendo com esse trabalho divulgar a todos a importância do lúdico no desenvolvimento da criança.

9. A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

“Brincar com criança não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados, em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem”.

Drummond, (apud Faria, 2005, p.85)

Desde as épocas antigas, a importância do brincar esteve presente entre os povos. As crianças procuravam conhecer o mundo através das brincadeiras.

Com o passar dos tempos, a brincadeira vem sendo enfatizada na educação das crianças, chegando até as escolas nas mais variadas situações, atingindo diversas concepções, que buscam explicar a sua importância na prática pedagógica, sendo assim, o professor é elemento fundamental para que o brincar aconteça de forma construtiva e prazerosa.

A brincadeira é uma forma privilegiada de aprendizagem, e muitas vezes o brincar é desvalorizado em relação a outras atividades, consideradas mais importantes. As crianças precisam de tempo, espaço, companhia e materiais para brincarem.

Compreendida desta forma, a brincadeira infantil passa a ter uma importância fundamental na perspectiva do trabalho pré-escolar, tendo em vista a criança como sujeito histórico e social.

Muitos autores têm se pronunciado sobre a importância do brincar para o desenvolvimento da criança, enfatizando as interações sociais e a construção dos conhecimentos.

Para Piaget, um dos principais objetivos da educação pré-escolar deveria ser o de ensinar a criança a observar os fatos, perguntar, interpretar e registrar atividades fundamentais. Ele destaca a importância das crianças terem muitas atividades com seus pares, ou seja, é fundamental a formação de grupos de crianças, coordenadas ou não pelo professor, mas de preferência sem a interferência deste, tal que possam entre si, brincar, falar, discutir, resolver problemas práticos. (PIAGET, apud MACEDO, 1988, p. 49)

Para Vygotsky (1998), nos primeiros anos de vida, a brincadeira é atividade predominante, pois a brincadeira cria para as crianças uma “zona de desenvolvimento proximal” que não é outra coisa senão a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou a colaboração de um companheiro mais capaz. Aquilo que uma criança é capaz de fazer com a ajuda do outro hoje, ela conseguirá fazer sozinha amanhã. Para ele o brinquedo desempenha um papel importante, pois, ao prover uma situação imaginária por meio da atividade livre, a criança levanta hipóteses, resolve problemas, desenvolve a iniciativa, expressa seus desejos e internaliza as regras sociais.

Vygotsky (1998) considera a brincadeira uma grande fonte de desenvolvimento que, como foco de uma lente de aumento, contém todas as tendências do desenvolvimento de forma condensada. Para o autor, a brincadeira fornece ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência. Pois nas brincadeiras, as crianças ressignificam o que vivem e sentem.

Cabe a cada um de nós professores, permitir e favorecer o brincar, pois a brincadeira permite à criança decidir, pensar, sentir emoções, competir, cooperar, construir, experimentar, imitar, imaginar, descobrir, aceitar limites, surpreender-se e interagir.

Longe de ser apenas uma atividade natural da criança, a brincadeira é uma aprendizagem social, pois ela vai acumulando experiências que vão construindo sua cultura lúdica. Através da brincadeira a criança conhece o mundo que a rodeia, brincando ela constrói significados, assimila os papéis sociais, o entendimento das relações afetivas e a construção do conhecimento.

Segundo Moyles (2002) o brincar também possibilita que o cérebro se mantenha ativo. Ao brincar a criança sente-se desafiada a dominar o que já lhe é conhecido, como também busca investigar o que de novo a situação lhe propõe. Em função disso, o brincar, é realizado por prazer possibilitando uma atitude positiva diante da vida.

De acordo com Moyles,

“O papel do professor é o de garantir que, no contexto escolar, a aprendizagem seja contínua e desenvolvimentista em si mesma, e inclua fatores além dos puramente intelectuais. O emocional, o social, o físico, o estético, o ético e o moral se combinam com o intelectual para incorporar um conceito abrangente de aprendizagem” (MOYLES, 2002, p. 43)

A criança aprende enquanto brinca, principalmente através do faz-de-conta, que é o momento que tem como ênfase a imaginação, através do brincar com outras crianças ela aprende a viver socialmente, respeitar regras, cumprir normas, esperar sua vez, interagindo de uma forma mais organizada, aprendendo a partilhar com o grupo.

Segundo Marcellino:

“O primeiro e fundamental aspecto sobre a importância do brincar é que o brinquedo, o jogo, a brincadeira, são gostosos, dão prazer, trazem felicidade. Deve-se considerar que, através do prazer, o brincar possibilita à criança a vivência de sua faixa etária e ainda contribui, de modo significativo, para sua formação como ser realmente humano, participante da cultura da sociedade em que vive. A vivência do lúdico é imprescindível em termos de participação cultural crítica e criativa. É fundamental que se assegure à criança o tempo e o espaço para que o lúdico seja vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida da criatividade e da participação cultura e para o exercício do prazer de viver”. (MARCELLINO, 1990, p. 72)

A escola não é só um espaço de ensino. Deve ser um lugar prazeroso, de trocas que proporcione a vivência da infância em sua integridade.

Segundo Wajskop (2001), a brincadeira é uma atividade humana na qual as crianças são introduzidas constituindo-se em um modo de assimilar e recriar a experiência sócio-cultural dos adultos.

Essa definição de brincadeira, como atividade social específica e fundamental, que garante a interação e construção de conhecimentos da realidade pelas crianças, é que nos faz estabelecer um vínculo com a função pedagógica da pré-escola. A brincadeira é uma atividade específica da infância, pois traz vantagens sociais, cognitivas e afetivas.

De acordo com Wajskop (2001) Vygotsky considera que é na brincadeira que a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário. A criança vivencia uma experiência no brinquedo como se ela fosse maior do que é na realidade. Para ele, o brinquedo fornece estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência da criança, pois quando brincam, ao mesmo tempo em que desenvolvem sua imaginação, elas podem construir relações reais entre si e elaborar regras de organização e convivência, modificando-as de acordo com suas necessidades.

Para Wajskop (2001), a brincadeira como atividade dominante da infância é, primordialmente, a forma pela qual esta começa a aprender. Secundariamente, é onde tem início a formação de seus processos de imaginação ativa e, por último, onde ela se apropria das funções sociais e das normas de comportamento que correspondem a certas pessoas.

Segundo Vygotsky (1998), a aprendizagem configura-se no desenvolvimento das funções superiores através da apropriação e internalização de signos e instrumentos em um contexto de interação. É por isso que para ele o brinquedo

“... cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a a desejar, relacionando os seus desejos a um ‘eu’ fictício, ao seu papel na brincadeira e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade”. (VYGOTSKY, 1998, p.131)

Portanto é através da brincadeira infantil que o desenvolvimento pode alcançar níveis mais complexos, pois permite a interação entre os pares em uma situação imaginária, pela negociação de regras de convivência e de conteúdos temáticos.

Segundo Vygotsky (apud Wajskop, 2001), a brincadeira possui três características: a imaginação, a imitação e a regra. Estas características estão presentes em todos os tipos de brincadeiras infantis, sejam elas tradicionais, de faz-de-conta, de regras e podem aparecer também no desenho, considerado enquanto atividade lúdica.

O processo de transmissão dessas brincadeiras dá-se normalmente, através de uma cultura infantil. Na idade pré-escolar, a idéia de que “isso eu aprendi na rua” ou “foram meus amigos que me ensinaram” é bastante generalizada entre as crianças, quando se referem a jogos ou brincadeiras de seu repertório.

Em minha prática utilizo-me do folclore brasileiro na realização das brincadeiras como amarelinha, pular corda, corre-lenço, brincadeiras de roda, etc. e na confecção de brinquedos como peteca, pipa, bilboquê, etc. Só que esse trabalho era realizado somente no mês de agosto, devido ao dia do folclore. Era uma maneira de resgatar a cultura brasileira.

Hoje acredito não ser preciso esperar que chegue o mês de agosto para resgatar essas brincadeiras, que isso pode ser feito durante e no decorrer do ano, independente da data em que estamos.

Segundo Florestan Fernandes,

“... um único folguedo pode pôr a criança em contato com quase todos os valores e instituições da comunidade de modo simbólico, em seus grupos (...) o desejo comum de brincar, o contínuo trato com as mesmas crianças, a preferência por certos tipos de jogos, sua livre escolha, a liberdade de que goza nesses momentos e o interesse que lhe desperta o brinquedo em bando conduz a criança à formação das primeiras amizades, dando-lhe a noção de posição social. Nesse grupo, começa o contato da criança com o meio social, de maneira mais livre e íntima”. (FERNANDES, 1979, apud WAJSKOP p.36)

Compreendida dessa forma, a brincadeira infantil passa a ter uma importância fundamental na perspectiva do trabalho pré-escolar, tendo em vista a criança como sujeito histórico e social.

Se as brincadeiras forem consideradas como o espaço de interação e uma necessidade de organização infantil então esta brincadeira se transforma em fator educativo. No entanto, esta atividade não surge espontaneamente, mas sob a influência da educação, através dos contatos com parentes ou em grupos informais de crianças.

Diante desta realidade, faz-se necessário apontar para o papel do professor na garantia e enriquecimento da brincadeira como atividade social da infância.

Dentro desta perspectiva, o professor é um mediador entre a atividade de seus alunos e os recursos disponíveis e deve garantir, através de suas ações, que a aprendizagem de seu grupo seja contínua, partilhando das brincadeiras das crianças. Para tanto, precisa oferecer uma variedade de materiais adequados às necessidades observadas. Agindo desta maneira, ele estará possibilitando às mesmas uma forma de ter acesso à cultura e modo de vida adulto, de forma criativa, social e partilhada.

O que tenho observado em minha escola, é que o espaço reservado para a ludicidade é muito restrito, pois ainda existe uma grande falta de compreensão de seu verdadeiro sentido. Eu também não possuía esse conhecimento sobre o quão importante é o lúdico para o desenvolvimento da criança, e sinto uma enorme necessidade de proclamar a todos essa minha mudança de visão. Não está sendo nada fácil, mas em cada oportunidade procuro introduzir o assunto e discutir sobre o que tenho aprendido.

Em minha escola os momentos reservados para o lúdico eram sempre depois da atividade pedagógica. Primeiro a criança tinha que cumprir com o “dever” e só depois ela poderia ir ao parque ou sair para brincar no pátio. Enquanto não terminasse a “lição” não podia brincar. O mais importante era a atividade realizada, com isso muitas crianças eram privadas do brincar.

Aos poucos, através dos conhecimentos adquiridos, fui introduzindo em minha prática algumas brincadeiras de infância. Realizei com meus alunos o projeto “Brincadeiras”. Mande uma pesquisa para os pais pedindo que relatassem quais eram as brincadeiras que brincavam quando criança. Com a pesquisa em mãos construí junto com os alunos um cartaz intitulado: Brincadeiras de Infância de Nossos Pais. Dessa relação algumas brincadeiras as crianças já conheciam, outras não. Mande então, uma outra pesquisa, pedindo aos pais que descrevessem e explicassem como se brincava. Cada criança deveria aprender com os pais a brincadeira para posteriormente ensinarem na classe. Foi um projeto muito rico, surgiram os mais variados tipos de brincadeiras.

Elas aprenderam diversas brincadeiras de roda, aprenderam a brincar de balança-caixão, de duro-mole, de passa-anel, de passa-treze, de morto-vivo, de coelhinho-sai-da-toca, de corre-lenço, de escravos-de-Jó e muitas outras. Cada dia era uma criança que ensinava as demais as brincadeiras que seus pais a haviam ensinado. No final do projeto realizei uma apresentação para os pais e os convidei para se juntarem aos seus filhos e brincarem juntos. Foi uma experiência muito rica e gratificante, e que comprovou como as crianças aprendem através do lúdico, como se interessam, se concentram, prestam atenção e respeitam os colegas. Claro que são apenas alguns passos que estou dando em relação à presença do lúdico na prática educativa, mas ainda não consegui contagiar os demais profissionais, principalmente o gestor da unidade, pois ele tem uma visão bastante tradicional.

Lembro-me de uma escola onde trabalhei que a coordenadora dava importância ao lúdico. Já na lista de material ela pedia fantasias, roupas, calçados e acessórios pra montar o “cantinho do faz-de-conta”. O sonho dela era construir uma casinha de boneca na unidade e com ajuda dos pais ela assim o fez. Quando há o desejo, o interesse, se corre atrás e os nossos sonhos podem ser realizados.

O que venho questionando nesses últimos dias é: se a brincadeira é tão importante para o desenvolvimento da criança, porque não aprendemos sobre isso quando iniciamos nossa formação no magistério? Se esses conhecimentos nos fossem transmitidos durante o curso será que a educação não estaria em melhores condições nos dias atuais?

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tenho aprendido que o lúdico é a linguagem cultural própria da criança, pois através dele ela se comunica, e que o brincar é um aspecto fundamental para se chegar ao desenvolvimento integral da criança.

A necessidade de brincar é inerente ao desenvolvimento, pois através do lúdico, a criança realiza aprendizagens significativas. O brincar é o meio de expressão e crescimento da criança, a ação de brincar é fonte de prazer e ao mesmo tempo, de conhecimento.

A criança vai construindo seu conhecimento do mundo de modo lúdico, transformando o real, utilizando os recursos da fantasia e da imaginação. É através da atividade lúdica que a criança prepara-se para a vida, assimilando a cultura do meio em que vive, a ele se integrando, adaptando-se às condições que o mundo lhe oferece e aprendendo a competir, a cooperar com seus semelhantes, e a conviver como um ser social, provocando assim o pensamento reflexivo da criança.

Muitas mudanças já ocorreram em minha prática, mas toda mudança é lenta e não depende somente de mim, mas do coletivo, e nem sempre ela é vista com bons olhos pelos outros profissionais com os quais trabalho.

É preciso que todos os professores tenham a concepção de que a criança é um ser ativo e construtor de conhecimento.

Sou muito grata ao PROESF pelas inúmeras contribuições que me proporcionou, tanto para meu crescimento pessoal e principalmente para o profissional, pois me fez ver com outros olhos a identidade da Educação Infantil, e que o brincar, o lúdico é um fator muito importante do desenvolvimento.

Encerro este memorial em busca de um sonho. Sonho este que vi descrito em um poema de José Luiz Belas (segue em anexo). Nele o autor descreve uma pré-escola em que as crianças podem brincar livremente, cantar a hora que sentir vontade, subir em árvores, rolar no jardim, preparar festas, plantar, criar pequenos animais, deixar seu mundo de fantasia tomar ares de realidade, brincar de pique, de esconde-esconde, dançar, pular, e eu, como educadora, poder participar disso tudo com ela, contribuindo dessa maneira para que a criança viva a infância como deve ser vivida, aproveitando cada minuto, pois ela é breve, passa rápido, mas tem uma influência muito grande na vida adulta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, A. O direito das crianças à educação infantil. *Pró-Posições*. Revista da Faculdade de Educação/Unicamp: vol. 14, nº3 (42) - set/dez. 2003.

ALMEIDA, C. M. de C. Concepções e práticas artísticas na escola. In: *O ensino das artes: construindo caminhos*. Sueli Ferreira (org.) Campinas, SP: Papirus, 2001.

ARAÚJO, U. L. *Temas transversais e a estratégia de projetos*. SP: Moderna, 2003.

ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

CHALITA, G. *Educação: a solução está no afeto*. São Paulo: Editora Gente, 2001.

CURY, A. J. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FARIA, A. B. G. A descoberta do mundo ou a experiência de lugar, do berço à cidade. *Caderno Temático de Formação II – Construindo a Pedagogia da Infância no Município de São Paulo*. SP: SME/ATP/DOT, 2004.

FARIA, A. L. G. *Educação pré-escolar e cultura: para uma pedagogia da educação infantil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, São Paulo: Cortez, 1999.

FARIA, A. L. G. / MELLO, S. A. (orgs). *Linguagens Infantis: outras formas de leitura*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

FARIA, A. L. G. / MELLO, S. A. (orgs). *O Mundo da Escrita no Universo da Pequena Infância*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

FARIA, A. L. G. / PALHARES, M. S. (orgs). *Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

FERNANDES, F. As trocinhas do Bom Retiro. *Pró-Posições*. Revista da Faculdade de Educação/Unicamp: vol. 15, n (43) – jan/abr. 2004.

FONTANA, R. A. C. *Como nos tornamos professoras?* Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. SP: Paz e Terra, 1996.

KUHLMANN JR, Moysés. Educando a infância brasileira. In: LOPES, Eliane Marta T., FARIA FILHO, Luciano M. & VEIGA, Cynthia G. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

KUHLMANN JR, Moysés. Instituições pré-escolares assistencialistas no Brasil (1899-1922). *Caderno de Pesquisas*. São Paulo: agosto 1991.

LEITE, S. A. da S. (org.) *Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas*. Sergio Leite; Campinas, SP: Komedi, 2001.

MACEDO, L. A perspectiva de Jean Piaget. In: LIMA, E. C.A. S. In: *A pré-escola e a criança hoje*. Série Idéias, n.2. São Paulo: FDE, 1988.

MARCELLINO, N. C. *Pedagogia da animação*. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

MEC/COEDI. *Critérios para um atendimento m creches que respeite os direitos fundamentais da criança*. Brasília, 1995.

MOYLES, Janet R. *Só brincar? O papel do brincar na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

PERON, Sarah C. As condições institucionais para a organização do trabalho pedagógico. In: LEITE, Sérgio A. da S. (org.) *Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas pedagógicas*. Campinas, SP, Komedi: Arte Escrita, 2001.

RANKIN, B. O desenvolvimento do Currículo em Reggio Emília – Um Projeto de Currículo a Longo Prazo sobre Dinossauros. In EDWARDS, C., GANDINI, L. e FORMAN, G. (orgs). *As cem linguagens da criança. A abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

RICCHEIRO, I. O processo de formação e a atuação da professora de educação infantil. In: *Revista Criança*, Junho/2002, nº 36.

ROSEMBERG, F. *Educação para quem? Ciência e Cultura*, nº 28, dez. 1976.

SAVIANI, D. Sobre a natureza e especificidade da educação. In: AUTORES ASSOCIADOS, *Pedagogia Histórico Crítica: primeiras aproximações*. São Paulo, Cortez, 1991.

SNYDERS, G. *Alunos Felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários*. Rio de Janeiro. Terra e Paz, 1993, p. 60.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Org. Michael Cole. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

WAJSKOP, G. *Brincar na pré-escola*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ANEXO 1

“Uma pré-escola”

José Luiz Belas/ outubro de 1982

Andei pensando como gostaria que fosse uma escola para crianças pequenas (Maternal, Jardim de Infância.) na qual eu trabalhasse participando do crescimento e desenvolvimento delas.

Cheguei à conclusão que gostaria de trabalhar com pessoas interessadas em crianças, devotadas ao estudo do comportamento delas, que estivessem dispostas a refletir sobre suas atitudes frente aos pequenos, que fossem abertas às mudanças e que não tivessem medo de arriscar novas formas de agir e de pensar.

Que pudessem se reunir com as crianças com a mesma seriedade com a qual se reúnem com grandes personalidades.

Que quisessem aprender com os pequenos.

Que amassem sua profissão e fizessem dela grande parte de sua realização como pessoa.

Que fossem humildes, o suficiente para nunca pensarem ter chegado ao final em seus saberes.

Gostaria de ver crianças soltas, livres, correndo, sentindo o seu mundo, aprendendo a aprender, podendo plantar flores, criar pequenos animais, dialogar com todas essas coisas e pessoas.

Eu queria ver crianças trepando em árvores, brincando de casinha, preparando uma festa, cantando músicas, deixando seu mundo de fantasias tomar ares de realidade e poder participar disso tudo com elas.

Eu queria poder apreender e retomar minha própria infância a cada momento através de um contato franco e aberto com essa gente de porte pequeno.

Ouvir suas histórias e contar-lhes as minhas.

Seria interessante ajudá-las a descobrir suas verdades, seus temores, suas alegrias, seus gostos, suas vontades. Vê-las vislumbrar novos horizontes do saber, do sentir e do ser, através dos questionamentos sobre cada coisa ou situação na qual estiverem mergulhadas a cada momento.

Penso no quão bom seria poder sorrir e chorar com elas pelas conquistas havidas; vê-las dormir sonhos leves e tranquilos e participar de seus sonhos confusos, mas de mensagens tão simples.

Imagino crianças de pés sujos de terra, de caras suadas, de narizes sujos, de

mãos encardidas e de roupas já não mais tão alvas. Sentiria nesses momentos que elas estão vivendo sua própria idade.

Crianças de caras sujas de feijão e bife e dedos engordurados, aprendendo o que fazer com um garfo, uma faca, uma colher.

Camisas fora das calças e sapatos de cordões soltos, jogando bola e rolando no jardim, andando de balanço, brincando de pique e rostos alegres que, de felicidade, não consigam esboçar testas franzidas.

Escutar choros, soluços e vozes que possam compreender esses lamentos e ajudar, ao que mostra mágoa, a se enriquecer com ela.

Queria ver crianças brigarem pelo direito de serem elas mesmas e de desejarem fazer valer suas saudáveis vontades, desejos e aspirações.

Queria estar num ambiente onde me sentisse bem com as pessoas que nele “habitam” e comigo mesmo. Onde pudesse também ser eu mesmo e deixar que os outros sejam o que, de fato, são.

Este documento foi publicado no "Jornal da Serra" , Nova Friburgo-RJ em outubro de 1982.